

O MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA PELO ENFERMEIRO NO CENÁRIO DA TERAPIA INTENSIVA EM HOSPITAL GERAL

THE ONCOLOGIC PAIN MANAGEMENT BY NURSES IN AN INTENSIVE THERAPY SCENARIO
IN A GENERAL HOSPITAL

Rosa Gomes dos Santos Ferreira

Mestre em Enfermagem pela EEAN-UFRJ. Especialista em Saúde Mental, Nefrologia, Terapia Intensiva e Cardiointensivismo. Membro do GEPESME (EEAN-UFRJ). Enfermeira da Terapia Intensiva Adulta (HMMC).
rosagsf@oi.com.br

Jorge Luiz do Nascimento

Enfermeiro especialista em Terapia Intensiva, Enfermagem do Trabalho e Oncologia. Membro do GEPESME (EEAN-UFRJ).
jl41@yahoo.com.br

RESUMO

Introdução: A doença oncológica é uma das que mais mata ainda hoje, embora os esforços à prevenção, tratamento e reabilitação sejam extremados diante da possibilidade da morte, é uma das doenças de maior impacto e estigma, para o portador e sua família. Ainda é frequentemente acompanhada pela dor, em diferentes estágios. Ainda verificamos pacientes oncológicos, seja em razão ou não do câncer, permeando diferentes espaços assistenciais, destacando-se a terapia intensiva, onde o manejo da dor ainda é timidamente encaminhado. **Objetivos:** No intuito de compreender esta lacuna inerente ao manejo da dor oncológica, fora do ambiente especializado no câncer, teve-se por objetivo descrever os achados de produção científica na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e analisar estes dados à luz do referencial metodológico. **Métodos:** método qualitativo, descritivo, por revisão sistemática, através de busca do produzido referente ao assunto em tela, nos bancos científicos de produção. **Resultados:** ao término da busca encontramos apenas duas produções que se aproximaram de nossos anseios de conhecimento em relação à dor do c extra-ambiente da oncologia. **Conclusões:** a lacuna de produção científica ao efetuarmos a interlocução de assuntos específicos em oncologia, apresentados à realidade da terapia intensiva, onde a dor é matéria comum, mas com todas as suas especificidades, nos remete ao perigoso dilema da super-especialização, desarticulado da busca por conhecimento de matérias que tangenciam os ambientes assistenciais, urgindo a necessidade de educação continuada.

Descritores: enfermagem, oncologia, dor e terapia intensiva

O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário da terapia intensiva em hospital geral

ABSTRACT

Introduction: The oncologic disease is one of the most lethal nowadays and despite the prevention, treatment and rehabilitation attempts used are considered extreme due to its lethality, it is one of the most stigmatized diseases for the carrier and for his or her family. It is a very painful disease in its various stages. There are oncologic patients, due to cancer or not, within assistance service places, mostly within the intensive care therapy, where the pain management is not taken into account. **Objectives:** In order to understand such lack of consideration regarding oncologic pain, not related to cancer itself, the following study intended to describe the conclusions within scientific papers in the BVS (Virtual Health Library) as well as analyze such data regarding the methodological reference. **Methods:** qualitative method by systematic review through the search of the target subject within the production scientific database. **Results:** at the end of the search, the authors found just two papers that are closer to the expectation regarding pain outside oncology. **Conclusions:** the lack in scientific production regarding oncology itself when it comes to intensive care therapy, where pain is present but with its specificities, shows the dangerous dilemma of over specialization detached from the search to master subjects that are related to assistance service places, which shows the need for ongoing training.

Descriptors: nursing, oncology, pain and intensive therapy.

INTRODUÇÃO

A doença oncológica é uma das que mais matam ainda hoje, embora os esforços concernentes à prevenção, tratamento e reabilitação sejam extremados e diante da possibilidade da morte, é uma das doenças de maior impacto e estigma, para o portador e sua família.

A dor é um sinal-sintoma de incidência em pacientes oncológicos e que irá acompanhá-los, em diferentes graus, sob distintas interpretações, quer seja para pacientes, quer seja para profissionais, no curso da doença.

Em 2009, a International Association for the Study of Pain (IASP) ressaltou a importância do conhecimento das estratégias para controle da dor pelo médico da atenção primária.⁵

A terapia intensiva, é uma das conseqüências do trauma e suas repercussões são prejudiciais ao organismo, caso não seja observada e tratada de modo a diminuir os resultados deletérios advindos do processo algico. Apesar de ser freqüente a ocorrência de dor no ambiente hospitalar e também externo a ele, ainda é insuficiente a atenção devotada ao tema.

Revista Saúde e Desenvolvimento | vol. 8, n.4 | jul-dez. 2015

Ao imaginarmos a dor pós-cirúrgica, a dor neonatal e pediátrica e a dor oncológica, a discussão tende a permanecer em inércia, mas é algo que permeia todo o desenvolvimento e por que não dizer, toda a resposta e mediação do complexo de doença-paciente, pois o manejo da dor e o seu controle podem conferir maior ou menor grau de adesão ao tratamento.

Na seara da oncologia, isto não é diferente e salientamos que a dor, seja ela oncológica, seja proveniente de traumas e cirurgias, está imersa dentro do complexo assistencial, nos ambientes específicos ou no hospital geral, consiste em assertiva.

A dor não aliviada pode produzir a ascensão da pressão arterial, o aumento da frequência cardíaca e respiratória, o que pode implicar em hipoventilação, hipercapnia, ampliação do trabalho cardíaco e redução da perfusão sangüínea e estes são os aspectos clínicos apresentados como resposta aos diferentes graus de dor que podem ser apresentadas.²

Além disso, a subjetividade está presente, não só no referente à resposta como também no concernente ao entendimento e na percepção que cada um assume frente à dor.

O tipo de resposta ao enfrentamento da dor em oncologia e a abordagem deste complexo, pode ser determinante ao manejo da doença e sua evolução, por parte do portador do agravo.

O espaço do hospital oncológico, nem sempre será o destino de todos os pacientes portadores de câncer, posto que, nos diferentes estágios da doença, variadas intervenções são adotadas e em diversos espaços de cuidado, que contemplam as internações em hospitais oncológicos, hospitais gerais, ambulatorios, consultórios, espaços de atenção domiciliar.

Além disso, demais doenças de caráter crônico ou agudo, agravos provenientes de causas externas (atropelamentos, colisões, dentre outros), cirurgias de urgência ou eletivas, podem desenvolver-se, concomitante à evolução neoplásica e suscitam atendimento noutras localidades hospitalares, noutras especificidades de saúde.

Cerca de 50% dos pacientes sentem ou sentirão dor em qualquer fase da doença neoplásica, 30% deles queixam-se de dor moderada a severa quando o câncer adquire estágio avançado. A incidência da dor ocorre em cerca de 90% dos pacientes.³

*O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário da terapia intensiva em
hospital geral*

A dor é parte integrante do ciclo da vida: gestação, nascimento e morte. No entanto, no ambiente oncológico, é permeada por aspectos subjetivos extremamente fortalecidos pela negação, ansiedade, desespero e abnegação.

A IASP (International Association for the Study of Pain)⁴ a define como uma "experiência sensorial e emocional desagradável, associada a agravo presente ou potencial, ou descrita em termos de tal dano", demonstrando que sempre se apresenta um componente subjetivo associado.

Então ela é uma sensação, e a reação ao evento doloroso, podendo determinar agonia, ou seja, um sentimento negativo que prejudica a qualidade de vida do sofredor.

A dor, como experiência humana é resultado da interpretação do aspecto físico-químico do estímulo nocivo e da interação deste com os aspectos individuais de cada um, tais como o humor, o significado imputado ao fenômeno sensitivo e os aspectos culturais e afetivos dos indivíduos.⁵

Em 1979 a Sociedade Internacional para Estudo da Dor⁴, conceituou a dor como "uma experiência sensorial e emocional desagradável" que é descrita em termos de lesões teciduais, reais ou potenciais, sempre subjetiva, onde cada indivíduo aprende a empregar este termo a partir de suas experiências traumáticas.

A dor oncológica pode ser decorrente do tumor primário ou metástases, à terapia anticancerosa e aos métodos de investigação e cirúrgicos. Em alguns pacientes pode, também, não estar relacionada à neoplasia.⁶

Este sofrimento abarca aspectos múltiplos e difíceis e para tal, deve ser avaliado em seus vários componentes, dentro e fora do ambiente de tratamento do câncer, pois estes pacientes não freqüentam somente estes recintos específicos de cuidado e atenção à saúde em oncologia.

Os pacientes oncológicos requerem demanda específica em relação aos recursos humanos e de acordo com o momento da doença e intervenções pelas quais deverão passar, mas não é impeditiva sua estada em hospitais gerais, até mesmo por conta de outras complicações clínicas, pregressas ou não, decorrentes da terapêutica ou outras doenças que o paciente possua ou desenvolva, excetuando-se o câncer.

Algumas situações agravam o quadro de certo "afastamento" do enfermeiro em hospitais gerais no manejo da dor oncológica, tais como: a desinformação dos

Revista Saúde e Desenvolvimento | vol. 8, n.4 | jul-dez. 2015

profissionais, além da opinião de que pacientes oncológicos sentem dor naturalmente e que nada pode ser feito.⁷

É sob este aspecto, do paciente oncológico que frequenta espaços não somente oncológicos, que buscamos desenvolver este estudo de caráter investigativo e reflexivo, no intuito de oferecermos subsídios, aos enfermeiros especialistas ou não, em oncologia, a compreender esta demanda que permeia todos os ambientes de cuidado.

A enfermagem é a profissão que tem como foco de ação o cuidado direto e ininterrupto aos pacientes, nas diversas esferas de atuação, ou seja, na profilaxia, no tratamento, na reabilitação, no cuidado paliativo.⁸

O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário do hospital geral é um dos centros de avaliação, sistematização e atenção, por parte do enfermeiro e nesta perspectiva e cabe lembrar que não só dentro do ambiente oncológico estão estes pacientes.

A dor é percebida como um acontecimento complexo e ligado ao ser humano, e alguns autores a consideram como parte da composição humana; o que a torna um evento tão antigo quanto o homem.⁹

Na perspectiva de entender a dor, independentemente de seu foco e associação patológica, surgiu à inquietação de abordar o assunto e torná-lo público, dada a frequência de atendimento a estes pacientes em no cenário prático de um centro de terapia intensiva adulta de um hospital geral.

Para o desenvolvimento do estudo, foi escolhida como questão norteadora:
O enfermeiro que cuida de pacientes oncológicos em um hospital geral compreende seu papel no controle da dor desta pessoa e de sua família?

Tem-se por objetivo geral caracterizar a produção científica na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) no que se refere à compreensão e planejamento assistencial no que concerne o cuidado ao paciente oncológico, portador de dor, em diferentes estágios, em hospital geral, sobretudo na terapia intensiva. Além de descrever os achados de produção científica na BVS e analisar tais achados à luz do referencial metodológico para discussão do tema proposto.

O Código de Ética dos profissionais de enfermagem prevê o dever do enfermeiro em diminuir o sofrimento dos pacientes sob sua assistência¹⁰ e no ambiente da doença
Revista Saúde e Desenvolvimento | vol. 8, n.4 | jul-dez. 2015

*O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário da terapia intensiva em
hospital geral*

oncológica, a dor é um dos grandes comprometimentos de caráter objetivo e subjetivo que podem inclusive determinar o sucesso terapêutico de uma intervenção de tratamento e de cuidado.

Posto isto, acredita-se que a revisão minuciosa a respeito do que se fala e do que se faz em relação ao enfrentamento e manejo da dor oncológica, pelo enfermeiro, fora do *habitat* do hospital oncológico, trará a compreensão acerca dos nossos objetivos, expectativas e críticas a respeito da temática elencada para estudo.

MÉTODO

As intenções propostas no estudo em tela carecem de uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, no intuito de sugerir uma discussão reflexiva acerca das percepções e experiências profissionais, diante de um cenário complexo, específico e peculiar ao enfermeiro.

A pesquisa qualitativa se volta à análise dos significados que os próprios sujeitos atribuem às suas ações, no meio social em que acontecem as relações, isto é, estuda os vínculos indissociáveis das ações individuais com o contexto social, no qual este indivíduo está inserido.¹¹

Elegemos como participantes deste estudo, os enfermeiros que manejam a dor oncológica em hospitais gerais, sobretudo na terapia intensiva, por serem aqueles que mais tempo destinam a perceber, lidar, sendo também, os responsáveis por sistematizar a atenção proporcionada nestas condições específicas de sinal-sintoma.

A revisão integrativa ou sistemática é uma das maneiras eficientes de trazer à baila, situações discutidas no cotidiano da prática, sob o olhar científico, através da busca do já produzido e apresentado na comunidade científica acerca de um determinado ponto de estudo.

Uma revisão sistemática requer uma pergunta clara, a definição de estratégias de busca, critérios de inclusão e exclusão rigorosos e, acima de tudo, uma análise da qualidade da literatura escolhida¹². E esta pergunta deve ser definida, na fase inicial da

pesquisa, para que toda a discussão e abordagem metodológica deem sustento ao processo investigativo.

O estudo inclui a análise de pesquisas relevantes que oferecem apoio para a tomada de decisão, discussões assistenciais, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, marcando lacunas do conhecimento que precisam ser completadas com a realização de novos estudos.

Através desta abordagem, cremos ser possível atender aos objetivos propostos, no intuito de fomentar reflexão, reavaliação no processo de cuidar em oncologia, fora do ambiente oncológico.

Em contemplação aos nossos objetivos, executamos a revisão integrativa ou sistemática, como forma de suscitar a temática nas referenciais científicas de enfermagem, a fim de discutir, de modo eficaz, bem como atender aos objetivos propostos. Daí a necessidade extrema de delimitar com clareza o objeto do estudo para atendimento e alcance dos resultados.

Para o cumprimento da abordagem metodológica, delineamos para a matéria, quatro descritores, certificados na base Dec's (descritores em ciências da saúde) da Biblioteca Virtual em Saúde, a saber: enfermagem, oncologia, dor e terapia intensiva, alinhados através do operador booleano "and".

A partir de então, executamos a busca nas seguintes bases de dados: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), Biblioteca Cochrane e SCIELO (Scientific Electronic Library Online), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online).

Delineamos os seguintes critérios para aprimoramento de busca, a fim de encontrarmos produtos refinados e condizentes ao objeto, para aperfeiçoar a discussão e análise dos resultados:

- Critérios de inclusão: recorte acadêmico (textos completos), recorte idiomático (português, inglês e espanhol), recorte temporal (de 2004 a 2014);
- Critérios de exclusão: recorte acadêmico (textos sumários, resumos), recorte idiomático (idiomas não inclusos), recorte temporal (anteriores a 2004).

O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário da terapia intensiva em hospital geral

Através destes cuidados metodológicos, foi possível um levantamento qualificado que permitiu delinear o panorama do manejo da dor e do modelo de atenção de enfermagem a esta clientela, no ambiente da terapia intensiva dos hospitais gerais, através da contemplação dos objetivos constituídos.

RESULTADOS

Através da adoção dos critérios de busca nas bases científicas de dados que apresentada anteriormente, conseguiu-se na literatura científica apenas 02 (duas) publicações completas.

As duas publicações referem-se a um periódico internacional e um nacional, respectivamente, de conceituado impacto científico. Contudo datam de 2014, não havendo publicação de temática similar, em recorte temporal adotado à filtragem analítica.

Dentre estas publicações, destacamos como principais temáticas abordadas pelos pesquisadores:

Autores	Título	Periódicos de Publicação	Objetivos	Resultados encontrados
Gabriel R. M. Freitas, Cláudio G. de Castro Jr., Stela M. J. Castro, Isabela Heineck	Grau de conhecimento dos profissionais de saúde sobre o manejo da dor e uso de opióides em pediatria	Pain Medicine Vol. 15, Issue 5, pages 807-19, May 2014	Avaliar grau de conhecimento sobre o manejo da dor e uso de opióides pelos profissionais que trabalham em unidades pediátricas	8,8% (10/114) relataram o uso de escalas de dor para identificar a dor em crianças. O obstáculo mais citado para controlar a dor foi a dificuldade de medir e dor local, em pacientes pediátricos. 50,8% não tinham nenhum treinamento prévio no tratamento da dor
Hercos, Thaíse Machado; Vieira, Flávia de	O trabalho dos profissionais de Enfermagem	Rev. bras. cancerol; 60(1): 51-58,	Identificar fatores que influenciam a	A análise de dados revelou dois temas: “o contexto de cuidado do paciente oncológico na UTI”, no

Siqueira; Oliveira, Marissa Silva de; Buetto, Luciana Scatralhe; Shimura, Camila Megumi Naka; Sonobe, Helena Megumi.	em unidades de terapia intensiva na assistência ao paciente oncológico	jan.-mar. 2014.	atuação dos profissionais de enfermagem em unidades oncológicas e estratégias que favoreçam a assistência ao paciente oncológico na literatura	qual se evidenciaram os fatores que podem influenciar negativamente o trabalho da equipe multiprofissional na UTI oncológica, tanto fatores físicos como psicológicos; e o “os sentimentos dos profissionais na assistência ao paciente oncológico na UTI”, no qual revela o conflito entre o dever de manter a vida versus o processo de finitude. Há estratégias para minimizar os fatores estressantes como melhorar as condições de trabalho e suporte psicológico.
--	--	-----------------	--	---

Tabela 01: resultado de busca nas bases de dados

Através da elaboração desta pesquisa e busca em bases científicas da área de enfermagem, foi possível apontar os destaques abordados pelos pesquisadores, a respeito do manejo da questão “dor oncológica”.

Entretanto, ao aprofundarmos o manejo da dor oncológica vivenciada pelo enfermeiro, no cenário da terapia intensiva, verifica-se a ausência deste destaque temático, para discussão no ambiente de produção científica.

Alguns contextos são aludidos a respeito do assunto, tais como o grau de conhecimento sobre o manejo da dor e uso de opióides (em pediatria) e fatores que influenciam a atuação dos profissionais de enfermagem em unidades oncológicas.

Entretanto aspectos importantes, tais como a inserção deste paciente especial, dentro do ambiente dos hospitais gerais, seja em situações de urgência, seja em situações ambulatoriais ou de tratamento intensivo, mas em vigência da dor, não é assunto ainda vislumbrado no campo da apresentação científica, uma lacuna de conhecimento.

DISCUSSÃO

A Oncologia é exaustiva, por apresentar situações de contato com a morte, necessidade cuidados de alta complexidade e paliativos, bem como a atenção à família, constituindo grandes desafios para os profissionais.¹³

A terapia intensiva também diz respeito a uma unidade hospitalar que monitora continuamente seus pacientes. Geralmente, estão no CTI, aqueles considerados graves, ou pessoas que cumprem o estágio pós-operatório e carecem de monitoramento constante.

As Unidades de Terapia Intensiva contam com recursos complexos para atender demandas especiais, onde equipamentos e medicamentos ajustam situações que ameaçam a vida e são aplicados por uma equipe multiprofissional que trabalha de modo integrado e ininterrupto.¹⁴

Um sistema completo de vigilância acompanha de modo contínuo, diversos parâmetros biológicos importantes para orientar o tratamento e detectar de imediato complicações indesejadas.

Dentro do ambiente oncológico é possível que o cuidado, por ser específico à complexidade do câncer, seja, embora extremamente complexo, melhor pautado, acerca do conhecimento e manejo das situações que envolvem a doença, sobretudo a questão da ocorrência da dor.

A reflexão, a partir dos escassos achados a respeito de publicações referentes ao manejo da dor oncológica pelo enfermeiro na terapia intensiva, é a preocupação com as questões e necessidades de capacitação, através de programas de educação continuada, oficinas de sensibilização, para entendimento da subjetividade e sistematização qualificada e singular do cuidado, a cada paciente.

A educação continuada é definida como a modalidade que englobaria atividades de ensino, no campo do trabalho, após o curso de graduação com finalidades de atualização, aquisição de informações, atividades de duração definida e através de metodologias tradicionais.¹⁵

Ampliando o fluxo destes pacientes, aos variados espaços de saúde, sejam eles inerentes à rede primária, secundária ou terciária de atenção, mas para efeitos desta análise o ambiente da terapia intensiva, empiricamente, e por ser o habitat de atuação dos profissionais envolvidos nesse estudo, percebeu-se dificuldades em enfermagem neste caso. Entender a particularidade da dor oncológica e, por conseguinte, o encaminhamento, compreensão, sistematização e avaliação de cuidado.

O manejo da dor pode estar atrelado a situações emergenciais ou crônicas, iniciais ou finais do estágio oncológico e nem por este motivo, requerem menor atenção.

Para salientar o que foi dito anteriormente, quando falamos em agir em benefício de outros com cuidados paliativos, estamos nos referindo principalmente ao controle de sintomas e a qualidade de vida.¹⁶

É importante reforçar que apenas uma única coisa não pode ser considerada fútil em cuidado paliativo: o cuidado com o paciente e seus familiares, realizado por equipe multiprofissional qualificada.

O enfermeiro que atua diretamente junto aos pacientes com câncer, deve ter acesso à educação continuada, a fim de qualificar a assistência e assim assegurar os pressupostos de integralidade e humanização do cuidado no Sistema Único de Saúde.¹⁷

Ao enfermeiro que trabalha com educação, na esfera acadêmica ou no ambiente da prática, cabe compreender a sua importância e de tudo que norteia tal educação em relação aos seus pressupostos, pois ela é o único caminho para a constituição de uma sociedade melhor e pensar que ela não está somente no espaço da formalidade, mas está também no cotidiano, nas “entrelinhas”, do “não dito”, também confere desenvolvimento aos indivíduos, através da busca por modificações individuais e coletivas.¹⁸

Portanto é inerente ao enfermeiro, a capacidade em realizar o levantamento das necessidades de aprendizado e aplicação prática de conteúdos específicos, seja em ambientes especializados ou generalistas do cuidado, para o alcance da qualificação assistencial e daí a relevância desta revisão sistemática à comunidade de enfermagem.

A Portaria nº 2.439 de 8 de dezembro de 2005, que institui a Política Nacional de Atenção Oncológica, adverte que a recepção ao paciente com câncer deve ser estendida,

garantindo-se a universalidade, a equidade, a integralidade, o controle social e o acesso a assistência oncológica.¹⁹

Isto leva à compreensão da importância dessa apresentação, não somente no intuito do aprimoramento profissional, com também na perspectiva do compromisso social em saúde.

CONCLUSÃO

Como conclusão, faz-se a sinalização desta lacuna de conhecimento, no intuito de fomentar a importância da discussão deste assunto.

Os subsídios teóricos discutidos e ampliados ao contexto da prática nos remetem a necessidade da não supressão total da incidência de dor, mas o conhecimento para a sistematização de um atendimento que pretenda ao menos, o abrandamento da intensidade, reduzindo o sofrimento desses doentes e de seus familiares.

A lacuna de produção científica ao efetuarmos a interlocução de assuntos específicos em oncologia, apresentados à realidade da terapia intensiva, onde a dor é matéria comum, mas com todas as suas especificidades, remete ao perigoso dilema da super-especialização, desarticulado da busca por conhecimento de matérias que tangenciam os ambientes assistenciais.

Cabe ressaltar a unicidade dos indivíduos e a multiplicidade de agravos em saúde que este pode apresentar que requer variada atenção, multidisciplinar, em diversas especialidades, simultânea ou isoladamente.

Para tanto, cabe aos profissionais de enfermagem refletirem acerca do exposto, no intuito de compreender que o supremo é cuidar daquele que se acomete da doença e não da doença em si.

REFERÊNCIAS

- 1- Calil, AM, and Pimenta, M. "Conceitos de enfermeiros e médicos de um serviço de emergência sobre dor e analgesia no trauma." *Rev Esc Enferm USP* 39.3 (2005): 325-32.
- 2- Delgado, GL. *A dor em oncologia*. São Paulo: Atheneu / EDUSP, 1988.
- 3- _____. *Ações de enfermagem para o controle do câncer. Uma proposta de integração ensino-serviço*. 3 a. ed. Rev, atual e ampl. Rio de Janeiro: INCA, 2008. HTTP// www.iaps.pan.org. Acesso em 03 de julho de 2014.
- 4- <http://www.iasp-pain.org/> Acesso em 10 de março de 2015.
- 5- Teixeira, MJ. Tratamento neurocirúrgico da dor. In: Raia, AA.; Zerbini, E.J. *Clínica Cirúrgica Alípio Correa Neto*. 4. ed. São Paulo, Sarvier 2 (62): 541-72. 1988.
- 6- Pimenta, CA. De M.; Koizumi, MS. Analgesia em câncer: crenças e atualizações. *Rev.Esc. Enf. USP*, v.27, n.2, 309-14, ago. 1997.
- 7- Pimenta, CA. et al. Dor crônica e depressão: estudo em 92 doentes. *Rev.Esc.Enf. USP*, v. 34, n. 1, 76-83, mar. 2000. Acesso em 06 abril de 2015.
- 8- Souza, L. Silva, MD. Situações geradoras de satisfação e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem em onco-ginecologia. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, p. 01-81, 2007.

*O manejo da dor oncológica pelo enfermeiro no cenário da terapia intensiva em
hospital geral*

- 9- Oliveira, ASB.; Gabbai, A. A Abordagem terapêutica da dor neuropática na Clínica neurológica. Ver. Neurociências 6 (2): 87-95, 1998.
- 10- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEn. Resolução n. 197, de 19 de março de 1997. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/node/4253>. Consultada em: 01 de abril de 2015.
- 11- Chizzotti, A. A pesquisa em ciências humanas e sociais. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.p.77-104
- 12- Sampaio, RF; Mancini, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. [Braz. J. Phys. Ther. \(Impr.\) = Rev. bras. fisioter](#);11(1):83-89, jan.-fev. 2007. Tab.
- 13- Hercos, TM, Vieira, FS. et al. O Trabalho dos Profissionais de Enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva na Assistência ao Paciente Oncológico. Ver Brasileira de Cancerologia 2014; 60(1): 51-58
- 14- Desanka, D., Araújo, S. Protocolos De Condutas Em Terapia Intensiva. volume 2 1ª ed. 2013 Atheneu.
- 15- Massaroli, A., Saupe, R. Distinção conceitual: educação permanente e educação continuada no processo de trabalho em saúde. <http://www.abennacional.org.br/>. Acesso 24 abril 2015.
- 16- Pinto, CS. Quando o tratamento oncológico pode ser fútil do ponto de vista da paliativista? Revista Brasileira de Cancerologia 2008; 54(4): 393-96. Acesso em 22 de abril 2015.

- 17- Ministério da Saúde (Brasil). Portaria GM n. 2.439, de 08 de dezembro de 2005. Institui a Política Nacional de Atenção Oncológica: promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos, a ser implantada em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão [Internet]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005 Dez. 09 [acesso 2013. Mai. 22]. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2005/GM/GM-2439.htm>.

- 18- Ferreira, RGS. Implicações das estratégias de ensino-aprendizagem dos programas de educação continuada em enfermagem para os enfermeiros. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2013.

- 19- Pimenta, CAM., Maria, SK., Dor no doente com câncer: características e controle. Revista Brasileira de Cancerologia - Volume 43 nº1 Jan/Fev/Mar 1997